



**OLHARES SOBRE A POLÍTICA**  
**DISCURSO DE ABERTURA DO ENCONTRO “OLHARES SOBRE A POLÍTICA”**

13 Março 2015 – Auditório Vita – 21h

No dia 3 de Outubro, o Nobel da Literatura de 2006, Orhan Pamuk, quando recebeu o prémio Europeu *Helena Vaz da Silva* para a Divulgação Cultural, na Fundação Calouste Gulbenkian, trouxe a debate uma questão interessantíssima. Na sua declaração de interesses prévia, definiu-se como um turco cosmopolita, laico e um muçulmano no sentido somente cultural do termo. De seguida, afirmou que a “herança europeia não se deve limitar à preservação dos seus monumentos, mas também à preservação dos seus valores fundamentais”. Sugeriu ainda que seria necessário “ter uma discussão séria sobre esses valores fundamentais”. E, como sabemos, os valores da Europa têm indubitavelmente uma matriz judaico-cristã.

Esta noite queremos olhar para a política na sua concretização nacional ou autárquica. As perspectivas são diferentes segundo os partidos ou as ideologias. É bom apercebermo-nos dessas diferenças. Mas não haverá união nessa diversidade?

Importa trabalhar pelo bem-estar de todos e apostar na qualidade das condições de vida. Saúde para todos, ensino generalizado, respostas sociais adequadas, condições de vida justas, estradas e pontes com facilidade para nos aproximarmos, trabalho realizador de potencialidades, habitação condigna. Poderia continuar o elenco de objectivos. Mas não haverá algo prévio a estes objectivos?

Para um futuro de dignidade e justiça, o presente nunca pode esquecer a memória que mostra o património com o qual a história se construiu. Ao mesmo tempo, os valores fundamentais necessitam de entrar nas agendas políticas para que a política não seja um mero jogo de interesses. Há dias recordei-me de um pensamento curioso. Pensava que era imperioso interrogar-se sobre o que está em questão e para que trabalhamos. Um mundo melhor para os nossos filhos ou filhos melhores para um mundo novo? Parece-me que todos responderíamos da mesma maneira. Se tivermos filhos melhores, eles serão capazes de construir um mundo novo. É que a estratégica não pode ser apenas a de melhorar as condições sociológicas e económicas. Esta linha não nos oferece quaisquer garantias imediatas de um mundo melhor. Ao invés disso, se os jovens se apaixonarem pelos valores, serão capazes de construir algo de novo ou inédito. Não é por acaso que o Papa Francisco, em Estrasburgo, falava de uma “Europa



um pouco envelhecida e enfadada, que tende a sentir-se menos protagonista num contexto que frequentemente a olha com indiferença, desconfiança e, por vezes, com suspeita.”

Em que acreditaram os fundadores da Europa como deGaspari, Adenauer, Schuman? Disse o Papa Francisco, no Parlamento Europeu, que “o seu ambicioso projecto político colocava no centro a confiança no homem, não tanto como cidadão ou como sujeito económico, mas no homem como pessoa dotada de uma dignidade transcendente”. E depois concluiu:

“Queridos Eurodeputados, chegou a hora de construir juntos a Europa que gira, não em torno da economia, mas da sacralidade da pessoa humana, dos valores inalienáveis; a Europa que abraça com coragem o seu futuro, para viver plenamente e com esperança o seu presente. Chegou o momento de abandonar a ideia de uma Europa temerosa e fechada sobre si mesma para suscitar e promover a Europa protagonista, portadora de ciência, de arte, de música, de valores humanos e também de fé. A Europa que contempla o céu e persegue ideias; a Europa que assiste, defende e tutela o homem; a Europa que caminha na terra segura e firme, precioso ponto de referência para toda a humanidade.”

A Europa, Portugal, precisará da fé para edificar uma sociedade mais justa? Fica a pergunta. Mas, em simultâneo, o que pode a fé oferecer a Portugal para que se constitua uma aliança de diálogo respeitoso, gerador de um futuro melhor para todos?

+ Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*